

PARRESÍA E RETÓRICA NA EXPRESSIVIDADE DO KATA: SINGULARIDADE E DIFERENÇAS NA PRÁTICA ASCÉTICA DO KARATÊ

Fabio Augusto Pucineli¹

Carlos José Martins²

Resumo: O objetivo deste artigo é circunscrever diferenças entre duas atitudes frente às maneiras de conceber a prática do karatê. Para isso, será analisado um fundamental exercíco codificado denominado *kata*. Interroga-se, por um lado, que se sua manifestação clássica, pode representar uma maneira de *parresía*; por outro, já quando reconfigurado como esporte, pergunta-se se assume uma conotação retórica. Para esta pesquisa, os referenciais teóricos são as aulas proferidas por Foucault no *College de France* que abordam as noções de *parresía* e retórica, além de pesquisas bibliográficas sobre karatê, especialmente a respeito do *kata*, bem como relatos de inspiração etnográfica decorrentes de experiências com a arte marcial. A questão é relevante frente à escassa produção e reflexão sobre o tema.

Palavras-chave: Karatê, Kata, Parresía, Retórica, Esporte.

PARRESIA AND RHETORIC IN KATA'S EXPRESSIVITY: SINGULARITY AND DIFFERENCES IN ASCETIC PRACTICE OF KARATE

Abstract: The purpose of this paper is to point out some differences between two attitudes towards ways of conceiving the Karate practice. In order to do so, a fundamental coded exercise called kata will be analyzed. It is questioned, on the one hand, whether its classic manifestation may represent a kind of *parresia*; on the other hand, when reconfigured as a sport, we wonder if it assumes a rhetorical connotation. For this research to be developed, the theoretical references are the classes taught by Foucault at College de France, which address the notions of *parresia* and rhetoric, in addition to bibliographic researches on karate, especially the ones regarding kata, as well as ethnographic inspiration reports arising from experiences with martial art. The issue is relevant considering the lack of production and reflection on this theme.

Keywords: Karate, Kata, Parresia, Rhetoric, Sport.

¹ Doutorando em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (Universidade Estadual Paulista – Unesp Rio Claro). Bacharel e Licenciado em Educação Física (Unicamp). E-mail: fabio.pucineli@unesp.br.

² Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Campus Rio Claro. E-mail: carlosjmartins@hotmail.com

Introdução

*It is safe to say that karatê begins and ends with
kata
Gichin Funakoshi*

O objetivo deste artigo é circunscrever diferenças entre duas atitudes frente às maneiras de conceber uma famosa e difundida prática corporal combativa originária do extremo sul japonês, o karatê. Para isso, será analisado um exercício codificado fundamental a esta arte marcial, denominado *kata*³. Interroga-se, por um lado, que se em sua manifestação clássica, pode representar uma maneira de *parresía*; por outro, já quando reconfigurado como esporte, questiona-se se poderia assumir uma conotação retórica.

Parresía é um termo grego investigado por Michel Foucault e traduzido como “a coragem da verdade”. Segundo o autor, a *parresía*, ou fala franca, constitui em “dizer a verdade, sem dissimulação nem reserva (...) nem ornamento retórico que possa cifrá-la ou mascarar-la” (2011, p.11). Afirma também que todo *parresíasta* corre riscos, já que suas verdades podem implicar incômodos e inconvenientes, bem como evidenciar as limitações daquele que faz uso da *parresía*. Assim, ao mostrar “sua coragem dizendo a verdade contra tudo e contra todos, aquele a que essa *parresía* é endereçada deverá mostrar sua grandeza de alma aceitando que lhe digam a verdade” (FOUCAULT, 2011, p. 13).

Para esta pesquisa, os referenciais teóricos dos estudos de Michel Foucault que abordam as noções de *parresía* e retórica, bem como de entrevistas e relatos de inspiração etnográfica das passagens de estada por Okinawa, em especial as que expressam interesse pelas práticas de ascese oriundas do referido contexto cultural. Além disso, constam pesquisas bibliográficas e documentais sobre karatê, principalmente a respeito do *kata*, que podem auxiliar nas respostas sobre essa prática se tratar de uma forma de ascese corporal e espiritual.

Karatê é um termo genérico para um conjunto de práticas corporais combativas desenvolvidas em Okinawa, que tiveram influências não só de outras artes marciais,

³ As palavras em japonês serão grafadas conforme o sistema de romanização Hepburn, também conhecido como *Hyoujun-shiki*. De acordo com esse padrão, os termos ficam no singular, por exemplo, já que na língua japonesa não há pluralização.

mas também das danças e práticas tradicionais de ascese corporal e espiritual advindas de países vizinhos, como a China, por exemplo. Em todas as sete de suas visitas à ilha para aprender e praticar karatê, um dos autores desta pesquisa observou que ao frequentar o *Shōrin-ryū Shidōkan Honbu Dōjō*⁴, os *sensei* (pronome de tratamento utilizado para professores e mestres) mais graduados, 9^{os} e 10^{os} *dan* (nível de graduação acima da faixa preta), convidam os visitantes a apresentarem um *kata*. Pouco perguntam sobre ele. Apenas o nome, de onde veio e quem é seu professor. Mas procuram conhecer o estrangeiro assim que este realiza o exercício formal.

O *kata* apresenta o praticante aos mestres nativos. A verdade do sujeito, manifestada em seu corpo, mostra-se na maneira como expressa e faz viva, em um momento, a história do karatê e também sua singularidade, impressa corporalmente na forma singular de expressão de forma singular na execução do seu *kata*. Porém, o *kata*, quando reconfigurado como modalidade competitiva do karatê esportivo deve obedecer regras padronizadas de performance. Possui uma estética própria de rendimento, expressão que responde aos critérios de mensuração e racionalização da prática esportiva. O *kata* competitivo também pode expressar verdades, no entanto, ele o faz por meio do convencimento e da persuasão, mas este não é necessariamente seu único objetivo. Pergunta-se, então, se tais características aproximam-no de um discurso corporal retórico.

As pesquisas relacionadas ao karatê, no Brasil, parecem estar atreladas e coniventes com as maneiras como a prática é concebida e legitimada no país: pedagogizada, esportivizada e com um discurso moral que se valida no que chamam de “filosofia” do karatê e se faz conveniente às questões disciplinares, por exemplo. Além disso, a discussão sobre o *kata* inevitavelmente problematiza também o karatê na modernidade: É arte marcial? É esporte? É defesa pessoal? Qual seria seu papel social na atualidade? Ou, teria o karatê algum papel social na contemporaneidade ocidental?

⁴ *Dōjō* pode ser traduzido como “lugar do caminho”. Termo usado pelos japoneses para se referir aos locais de prática de suas artes. *Shōrin-ryū* se refere ao estilo de karate, um dos mais praticados em Okinawa. *Shidōkan* é a entidade fundada por Katsuya Miyahira, uma espécie de releitura particular da prática. *Honbu* refere-se a “matriz”.

Kata: clássico e competitivo

Os *kata* podem ser consideradas rotinas corporais pré-estabelecidas e codificadas através das quais são preservados e transmitidos os conhecimentos do karatê, no caso. Para Rosenbaum (2007), “o *kata* é uma prática na qual as realidades e experiências pessoais, sociais e cosmológicas da época se entrecruzam e logo se gerenciam⁵” (p. 19). São maneiras de comunicação. Identificam as características do estilo e escola que representam. Há muito das danças folclóricas de Okinawa nos *kata* e vice-versa. Por exemplo, ao observar o Festival anual de Naha, capital da província, um dos autores desta pesquisa, pode observar gestos marciais nas coreografias: maneiras de deslocamento, posicionamento dos braços, posturas etc.

Okinawa é a maior das mais de 150 ilhas do arquipélago Ryukyu. Até 1879 era um reino independente, com idioma próprio, inclusive, o *uchinaguchi*. Após essa data passou a fazer parte do Estado-nação japonês, como província. A partir do século XV, sob influência do rei Shohashi, passou a estabelecer intercâmbio cultural com outros países asiáticos, especialmente com a China. Sua peculiar prática corporal combativa era conhecida como *Ti* (ou *Te*), que amalgamando-se com artes marciais chinesas, passou a ser chamada de *To-di* (ou *To-de*).

Cada ideograma das escritas chinesa e japonesa tem ao menos duas leituras diferentes. *Tode* (唐手) também pode ser lido como *karatê*, cujo significado é “mãos chinesas” ou “técnicas chinesas”. Porém, na década de 1930, há a substituição para 空手, cuja pronúncia é a mesma, mas o significado passa a ser “vazio”, numa alusão ao princípio budista da vacuidade e principalmente numa atitude de emancipação em relação à prática corporal combativa que almejava ser identificada como legitimamente japonesa.

Em sua obra, publicada originalmente em 1935, no Japão, intitulada *Karatê-do Kyohan*, Funakoshi (2014) escreve que “a primeira conotação do 空 indica que o

⁵ El kata es una práctica en la cual las realidades y experiencias personales, sociales y cosmológicas de la época se entrecruzan y luego se gestionam.

karatê é uma técnica que permite que alguém se defenda com os punhos e as mãos livres sem utilizar armas” (p.22). Em seguida, prossegue afirmando que,

A segunda [conotação] indica que, assim como um espelho limpo que reflete a imagem sem distorção, ou o vale silencioso que ecoa o som, alguém que estuda o Karatê-do deve eliminar de si o egoísmo e os maus pensamentos, pois apenas alguém com a mente e a consciência limpas pode entender o que recebe (FUNAKOSHI, 2014, p. 22).

Em Okinawa, o karatê ainda hoje não é separado das atividades cotidianas. A grande maioria dos *dojo* é conjugada às residências dos *sensei*. Além disso, como afirma Funakoshi (1985), qualquer lugar pode ser um *dojo*, basta que haja “mente e consciência limpas”: legítima disposição e devido despojamento para a prática. As danças tradicionais e a gestualidade cotidiana nas tarefas domésticas e profissionais possuem em grande medida movimentos e posturas que são refletidas nos *kata* e encadeados em sequências específicas. Assim, pode-se dizer que os *kata* parecem não ser apenas um apanhado codificado de sistemas corporais defensivos, mas acessos à cultura e história de Okinawa, materializadas e continuamente reatualizadas através do corpo daquele que executa.

Outra peculiaridade reside no ensino. Os japoneses não fracionam os *kata* em segmentos para serem repetidos até que juntos, formem o todo. A lógica é repetir insistentemente a sequência toda para que o aprendizado se dê na totalidade, sem fragmentar. Tetsuhi (2005) corrobora a afirmação com sua experiência ensinando Kendo na Alemanha. Enquanto apenas observava como acontecia o ensino, notou intrigado que as técnicas eram “quebradas” em vários pequenos movimentos e os estudantes praticavam cada reduzido gesto da técnica repetidamente.

A escrita japonesa, tal como a coreana e a chinesa, não é alfabética. A linguagem que se utiliza do alfabeto forma seu signo com a aglutinação das letras: partes que formam um todo. O uso de ideogramas na comunicação sugere uma maneira de pensar a partir da totalidade, já que um *kanji* representa um significado praticamente completo. Essa forma de pensamento se reflete no conjunto do *kata*, no caso. *Kata*, então, seria um todo que se desmembra posteriormente ao seu entendimento mais amplo. A esse exercício se dá o nome de *bunkai*: desmembramento do todo para compreensão dos significados embutidos nos conjuntos de técnicas.

A competição de *kata* em torneios regulamentados pela World Karatê Federation (WKF) os participantes são dispostos em dois a dois. Uma pessoa veste uma faixa vermelha e outra, azul. Individualmente, executam seu *kata*. Ao final da disputa, os árbitros decidem qual dos dois realizou a melhor performance. Cada atleta pode escolher um *kata* dentre uma lista de 102, que consta do regulamento da Federação. A pessoa que for vencendo vai passando para as etapas seguintes, de novas disputas, até a final.

Segundo a WKF, o desempenho do competidor é avaliado conforme dois critérios principais: performance técnica (postura, técnica, movimentos de transição, ritmo, respiração “correta”, foco e conformidade com as características do estilo) e atlética (força, velocidade e equilíbrio). Ou seja, a execução do *kata* deve ser, de acordo com as exigências, suficientemente convincente de que realiza-se com uma precisão supostamente melhor do que os adversários com os quais se disputam as rodadas.

Assim, com a modernização japonesa e a reconfiguração do karatê como esporte, o *kata* é tornado competitivo e passa por transformações não só estéticas, mas principalmente de propósitos, sendo fortemente influenciado por princípios que norteiam o treinamento esportivo (racionalização, rendimento, performance etc.) e assume um movimento “para fora”, cujos objetivos são a vitória e o espetáculo. As execuções precisam ser mais: fortes, velozes, ritmadas, dramatizadas e... convincentes.

Em contraposição, segundo relato de Funakoshi (1985), antes da modernização do karatê os praticantes aprendiam a arte marcial individualmente com seus mestres, ou em pequenos grupos. Além disso, executavam insistentemente um único *kata* por longos períodos de tempo, podendo chegar até a três anos. Funakoshi também se vale de um princípio muito comum em Okinawa sobre aprender 10 mil coisas em uma, para legitimar seu discurso que atribui ao *kata* importância crucial ao karatê. Em um mesmo *kata* seria possível explorar inúmeras possibilidades interpretativas de situações combativas, sendo o inverso também verdadeiro: uma mesma situação combativa aparece codificada de diferentes maneiras nos diversos *kata*.

Kata: exercício de si ou discurso retórico?

Na aula de 24 de fevereiro de 1982, em “A Hermenêutica do Sujeito”, Foucault (2006) contempla o tema *askésis*, ou “ascese”: “exercício de si sobre si”. Segundo seus estudos, a virtude é alcançada através de dois saberes conjugados: o teórico (*epistémē theoretiké*) e o prático (*epistémē praktiké*), sendo este segundo, uma arte e cultura de si mesmo, uma prática que liga o sujeito à verdade, através da constituição e transfiguração de si mesmo, na “felicidade que se tem consigo mesmo” (FOUCAULT, 2006, p. 386).

A ascese grega antiga diferencia-se da ascese cristã porque não envolve renúncia do eu a si. Pelo contrário, trata-se da constituição de si mesmo. Por conseguinte, “é necessário dotar-se de algo que não se tem, no lugar de renunciar a algum elemento que seríamos ou teríamos em nós mesmos” (FOUCAULT, 2006, p. 387). Esse equipar-se do que ainda não possui é conhecido como *paraskeué*, “preparação ao mesmo tempo aberta e finalizada do indivíduo para os acontecimentos da vida” (FOUCAULT, 2006, p.387). A ascese, então, constitui também uma maneira de preparar para os imprevistos do futuro. Afirma Foucault (2006): “[...] a ascese antiga não reduz: ela equipa; ela dota”. Ou seja, além de “chegar à constituição da relação plena de si para consigo, a ascese tem por função, ou melhor, por tática, por instrumento, a constituição de uma *paraskeué*” (p.387).

A *paraskaué* seria, então, “equipamentos” compostos pelos *lógoi* (discursos), pelos quais as pessoas devem sempre se dotar e deixarem à mão para que possam ser utilizados, de maneira simples e eficaz, sempre que necessário recorrer a eles.

Não se trata pois de ultrapassar os outros, nem de ultrapassar a si mesmo, trata-se sempre (...) de ser mais forte, ou de não ser mais fraco do que aquilo que pode acontecer. O treinamento do bom atleta deve ser, portanto, o treinamento em alguns métodos elementares, mas suficientemente gerais e eficazes para que possam ser adaptados a todas as circunstâncias, e para que possamos – sob a condição de serem também suficientemente simples e bem adquiridos – delas dispor sempre que necessário. É esta aprendizagem de alguns muitos elementos, necessários e suficientes, para qualquer circunstância possível, que constitui o bom treinamento, a boa ascese (FOUCAULT, 2006, p.388).

Está bem preparado o atleta que tem “[...] frases efetivamente pronunciadas, frases efetivamente ouvidas ou lidas, frases que ele próprio incrustou no espírito,

repetindo-as, repetindo-as em sua memória por exercícios cotidianos, escrevendo-as, escrevendo-as para si em notas” (FOUCAULT, 2006, p.390).

O equipamento material de *lógos*, então, constitui-se de frases efetivamente ouvidas ou lidas, que podem ser memoradas, re-pronunciadas, escritas e reescritas. “São lições do mestre, frases que ouviu, frases que disse, que disse a si mesmo” (FOUCAULT, 2006, p.390), que se fazem presentes permanentemente, para que se recorra a esses recursos sempre que necessário.

E é precisamente no enunciado, na reatualização deste *lógos*, nesta voz que se faz ouvir e promete socorro, que [reside] o próprio socorro. [...] quando o sujeito se sente ameaçado na rasa labuta da vida cotidiana, o *lógos* deve estar presente: fortaleza, cidadela alçada em sua altura e na qual nos refugiamos. Refugiamo-nos em nós mesmos, em nós mesmos enquanto somos *lógos* (*ibidem*, p.392).

As contínuas repetições são necessárias a fim de que haja não só uma rememoração, mas constante atualização do discurso, para que este se integre ao sujeito, comandando sua ação quando necessário.

É preciso tê-lo à mão, isto é, tê-lo, de certo modo, quase que nos músculos. É preciso tê-lo de tal maneira que se possa reatualizá-la imediata e prontamente, de forma automática. É preciso que seja realmente uma memória de atividade, uma memória mais de ato que uma memória de canto. Quando chegar o dia do infortúnio, do luto, do acidente, quando a morte ameaçar, quando se estiver doente e sofrendo, é preciso que o equipamento atue para proteger a alma, impedir que seja atingida, permitir que conserve sua calma (*ibidem*, p.392p.393).

Os *kata* como práticas de si, como discursos corporais que se repetem continuamente em forma de exercícios contínuos do karatê, escritos e reescritos no e pelo corpo, assemelham-se à ideia de *paraskaué*. O praticante pode recorrer ao *kata* quando necessário, não necessariamente para se defender, mas para exercitar-se a si mesmo, a encontrar-se, numa espécie de meditação em movimento. É através do *kata* que o *karateka* se atualiza, é seu *lógos*, no qual se refugia quando “se sente ameaçado na rasa labuta da vida cotidiana” (FOUCAULT, 2006, p.392).

“O verdadeiro karatê”, afirma Funakoshi (2014), “empenha-se interiormente em treinar a mente e desenvolver uma consciência clara que possibilite encarar o mundo de verdade [...]” (p. 24). Assim, segundo o autor, a prática da arte marcial forneceria “equipamentos” a serem recorridos durante a “arte da existência”.

Para Foucault, os cuidados de si constituem-se como “artes da existência”. Segundo o autor,

Estas devem ser entendidas como as práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmos regras de conduta, como também buscam transformar-se, modificar-se em seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e que corresponda a certos critérios de estilo. Essas ‘artes da existência’, essas ‘técnicas de si’, perderam certamente parte de sua importância e de sua autonomia ao serem integradas, com o cristianismo, no exercício de um poder pastoral e, mais tarde, às práticas do tipo educativo, médico ou psicológico (2014, p. 193).

Para Foucault, a *askésis* permite que o dizer verdadeiro seja endereçado ao sujeito, constituindo-se na maneira de ser do sujeito. “A *askésis* faz do dizer-verdadeiro um modo de ser do sujeito” (FOUCAULT, 2006, p.395). Assim, sendo a *ascese* o exercício da verdade sobre si mesmo, o *kata* seria uma forma *lógos* pelo qual o sujeito acessa, transforma-se e constrói sua singularidade, ao mesmo tempo que continuamente atualiza e traz para seu corpo a história e cultura das tradições de Okinawa.

A esta linha de pensamento também vai ao encontro do que Foucault apresenta sobre a vida cínica:

Do mesmo modo que um lutador hábil não é o que aprendeu a fundo todas as posições e todas as complicações dos movimentos cujo uso é raro no combate, mas aquele que, tendo se exercitado longa e cuidadosamente em uma ou duas delas, espia atentamente a oportunidade de aplicá-las. Porque não lhe importa saber muito contanto que saiba o bastante para vencer (DEMÉTRIUS *apud* FOUCAULT, 2011, p.182).

O cinismo seria, então, um caminho breve para a virtude, que dribla o ensino longo e teórico. É a filosofia que se faz viva e orgânica nas atitudes, no modo de vida e que não se vale de discursos para se legitimar. Sua prática é sua própria existência.

Foucault (2011) afirma que, para os cínicos, há dois caminhos para a sabedoria:

[...] um longo, relativamente fácil, que não requer muito esforço e que é o caminho pelo qual se chega à virtude através do *lógos*, isto é, através dos discursos e do aprendizado destes (aprendizado escolar e doutrinal). E há o caminho breve que, este sim, é o caminho difícil, o caminho árduo que sobre reto em direção ao cume à custa de muitos obstáculos, e que é o caminho de certo modo mudo. Em todo caso, é o caminho do exercício, o caminho da *áskesis*, o caminho das práticas de despojamento e de resistência (p.183).

Segundo Foucault, os cínicos não se preocupavam em transmitir doutrinas, “mas em transmitir esquemas”, através de “modelos, relatos, anedotas, exemplos” (FOUCAULT, 2011, p.184).

Como já mencionado, *parresía* é um termo grego investigado por Michel Foucault, traduzido por “coragem da verdade”, precioso aos cínicos. Segundo o autor, todo *parresíasta* corre algum tipo de risco, já que diz suas verdades a quem quer que seja, sem quaisquer tipos de ornamentos ou amenidades. Pergunta-se: quando um praticante de karatê realiza um *kata* e alguém (amigo ou mestre) faz uma apreciação da execução, este momento poderia ser considerado um exercício de si e uma *parresía*?

A resposta tende a ser afirmativa, já que quando realiza um *kata* o *karateka* expressa sua experiência, suas limitações, suas peculiaridades, suas singularidades e suas atuais verdades, através da expressão daquilo que se é e está, no preciso momento. O *kata*, como parte do jogo parresiástico, seria o exercício ascético do karatê, no qual confronta-se a verdade sobre si mesmo, através de uma estética específica, mas que permite emergir a partir dela, uma “estética de si”.

Para uma melhor compreensão dessa “estética de si”, em “A Hermenêutica do Sujeito”, Foucault afirma:

Digamos esquematicamente: onde estendemos, nós modernos, a questão ‘objetivação possível ou impossível do sujeito em um campo de conhecimentos’, os antigos do período grego, helenístico e romano entendiam ‘constituição de um saber sobre o mundo como experiência espiritual do sujeito’. E onde nós modernos entendemos ‘sujeição do sujeito à ordem da lei’, os gregos e os romanos entendiam ‘constituição do sujeito como fim último para si mesmo, através do exercício da verdade’ (FOUCAULT, 2006, p. 385).

No trecho acima é possível notar distinções entre as atitudes modernas e clássicas perante a vida. Enquanto na modernidade o sujeito é objetivável, vinculado a diferentes campos de saber e sujeito à “ordem da lei”, na Antiguidade, a experiência espiritual e corporal voltada para si mesmo, através da ascese constituía-se a atividade fundamental, que fazia da existência uma arte e não uma ciência. A “estética da existência” seria, então, essa constituição ética e estética de si coo forma aberta de subjetivação que se faz pelos exercícios de cuidados de si.

Considerações finais

Ao longo deste artigo procurou-se discutir sobre as relações de similaridades e distinções entre as atitudes de duas possibilidades de configurações históricas de expressão do acontecer o fundamental exercício do karatê, chamado *kata*. Tratou-se de demarcar, comparativamente, as distintas configurações em suas manifestações clássicas e esportivas, com os conceitos de *parresía* e retórica, tendo como base estudos realizados por Michel Foucault sobre a temática, bem como referenciais teóricos e documentos que auxiliam no entendimento das distintas figuras assumidas pela arte marcial okinawana, reconfigurada em esporte, na modernidade.

O *kata* esportivo parece se aproximar mais de uma espécie de retórica cristã, já que todo treinamento envolve alguma forma de renúncia. Além disso, objetivos estão vinculados a uma redenção, cujo ápice é o ato de vencer e conseguir um título num torneio, através do convencimento de que seu *kata* é o “melhor”: mais forte, veloz, dramático, representativo e merecedor.

O *kata* como exercício de si parece constituir-se numa forma de subversão e resistência àquilo que tem sido dominante no karatê, já que se constitui numa ascese, num exercício espiritual de cuidado de si, uma “estética da existência”, que se aproxima intimamente da arte, num movimento de interiorização. Em contraposição, o *kata* competitivo se vale de objetivações, padronizações e normatividades decorrentes das reconfigurações hegemônicas atuais de sua prática, que se voltam para o retórico exterior e não para o sensível de si próprio.

Referências

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, M. **A coragem da verdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, M. O uso dos prazeres e as técnicas de si. *In*: MOTTA, M. B. (org.). **Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p.187-211.

FUNAKOSHI, G. **Karate-do: my way of life**. Tokyo: Kodansha International, 1985.



FUNAKOSHI, G. **Karate-do kyohan**: o texto mestre. São Paulo: Cultrix, 2014.

ROSENBAUM, M. **Kata**: La transmisión del conocimiento en las artes marciales tradicionales. Madri: Arkano Books, 2007.

TETSUHI, A. Cultural friction in *budo*. In: BENNETT, A. **Budo perspectives**. Auckland, New Zeland: Kendo World Publications, 2005, p.125-140.